

O PAPEL DA ESCOLA NO ATO DE ENSINAR O ALUNO A PENSAR

Taís de Souza Moretto

Resumo: A presença da escola na sociedade sempre foi um papel de extrema importância para a vida dos educandos em todo o decorrer histórico, mas, devemos tomar nota de que ao passar do tempo a sociedade foi entrando em constante evolução e ainda permanece, por isso se dá importância em discutir como é o ato de ensinar o aluno a pensar. Não existe uma metodologia da qual torne esse papel mais simples, porém a promoção do homem na sociedade se dá em sua maioria ao que ele desenvolveu e aprendeu durante seu ensino, e esses atos de ensinar o ser humano a ser pensante vem do que em seu histórico foi estimulado para ele se impor aos diversos debates que temos durante a nossa existência. O papel da escola enquanto a essa questão é diverso e a escola enquanto instituição e seu corpo docente deve sempre buscar o melhor para o desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Ensinar. Aluno. Escola.

Abstract: The presence of school in society has always been an extremely important role for the students' lives throughout the historical course, but it must take note that over time society has been undergoing constant evolution and even improving, that's why it is important to discuss how the act is when using the student to think. There is no methodology to make this role simpler, but the promotion of man in society is mostly based on what he revealed and learned during his teaching, and these acts of using the human being to be a thinking person comes from what he does in his history was stimulated for it to impose itself on the various debates that we have during our existence. The role of the school regarding this issue is diverse and the school as an institution and its teaching staff must always seek the best for the student's development.

Keywords: Teach. Student. School.

Como citar o artigo: Moretto, Taís de Souza. O papel da escola no ato ensinar o aluno a pensar. Revista Científica Novas Configurações- Diálogos Plurais, v. 2, n. 2, 2021.

O PAPEL DA ESCOLA NO ATO DE ENSINAR O ALUNO A PENSAR

Muitas funções sociais são sempre atribuídas às escolas, é esperado que as instituições formem tanto um ser social preparado para atos cidadãos quanto profissionais.

Muitas vezes criamos expectativas quanto ao que a mesma deve ou não oferecer aos seus alunos, ou em como criar métodos para que formemos alunos pensantes.

Sabemos também que não existe uma fórmula secreta na qual colocamos conteúdos nos cérebros de nossos alunos e que dessa forma eles sejam reprodutores de conteúdos passados.

Observados esses aspectos, trataremos da função da escola no sentido apontado pelos autores que nos subsidiam, qual seja, ser uma das instituições capaz de oportunizar melhores condições de igualdade social em virtude de uma formação de caráter científico e de uma aprendizagem real para aquele que a recebe. Acreditamos que a formação intelectual é condição primeira do processo formativo, do desenvolvimento pessoal e da sociedade, por conseguinte, o conhecimento é uma atividade pela qual o homem se diferencia dos outros animais e, na medida em que o adquire, melhora suas próprias condições de existência em diversos aspectos, especialmente o moral, o intelectual e o material.

Evidente que devemos entender que o conhecimento faz parte da estrutura social em que essa escola é inserida, e que ao elaborar um currículo para a mesma se faz necessário compreender a realidade da qual se vive,

<fnFinancial-disclosure> OU <fnSupported-by>: Fonte de financiamento.

<fnConflict>: Conflito de interesse.

<Correspondence>: E-mail do autor-correspondência.

<History>: Data de recebido.

<History>: Data de aprovado.

<fnEdited-by>: Editor: Marcelo Máximo Purificação.



<LicensePara>: Tipo de licença. Caso não utilize a licença CC-BY, será necessário alterar o selo ao lado.



entendemos também que é sempre necessário buscar o novo, instigando e incentivando o aluno a ter cede de pesquisar, descobrir e se apropriar do uso de tecnologias para buscar sempre mais, sobre isso, YOUNG afirma que:

[...] se as escolas devem cumprir um papel importante em promover a igualdade social, elas precisam considerar seriamente a base de conhecimento do currículo, mesmo quando isso parecer ir contra as demandas dos alunos (e às vezes de seus pais). As escolas devem perguntar: “Este currículo é poderoso?” Para crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição. (YOUNG, 2007, p. 1297)

Sendo assim observamos que as escolas devem ter como prioridade a promoção do conhecimento que liberte a pessoa da condição do não conhecer, do não saber e da ausência do aprender, promovendo assim oportunidades do aprender para todos.

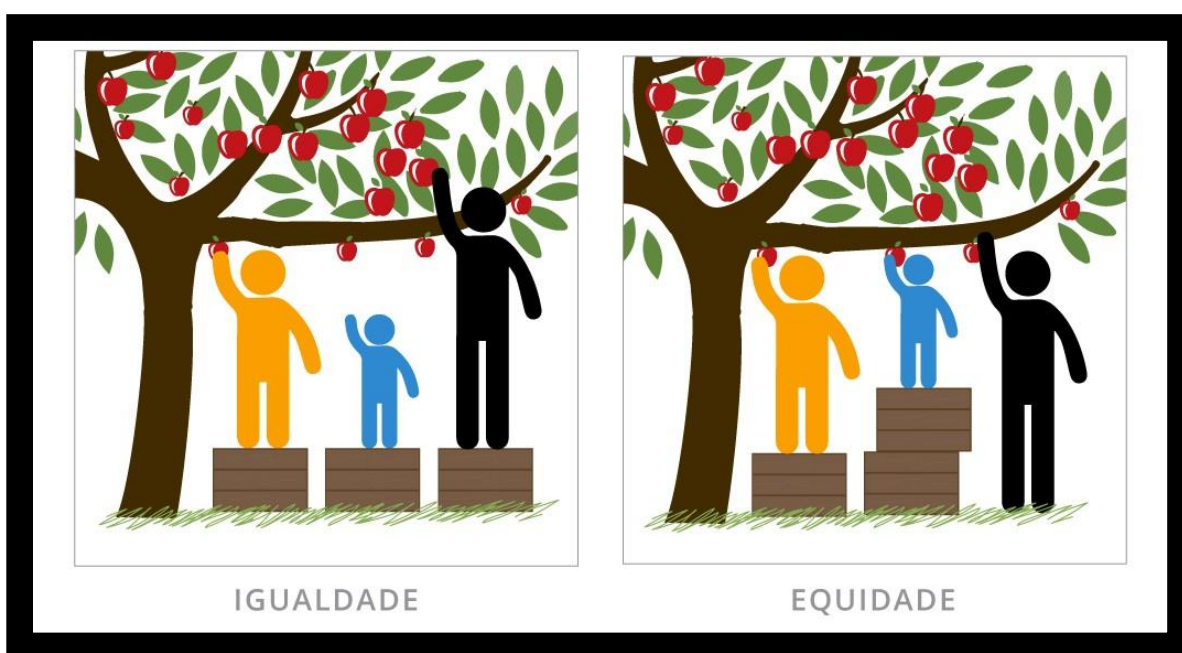


Figura 1

Assim refletimos a presença da escola na sociedade sabendo que ela se destina a promoção do homem, requerendo assim um educador que seja um conhecedor do homem. Sendo assim reconhecemos aqui que a formação do docente é de extrema importância para uma escola de qualidade, pois é importante que trabalhemos em uma escola que trace um currículo qualitativo e significativo para que o ensino e a aprendizagem de fato se concretizem.

Compreendendo, desse modo, a formação do professor essencial e significativa para proporcionar uma qualidade de aprendizagem para seus alunos, sendo que os tempos pedem mudanças e atitudes, para considerar seu discente como um todo, e como o professor age ao transferir seu conhecimento ao aluno, sendo assim os dois protagonistas da aprendizagem em sala de aula.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar e ação pela qual um sujeito criado dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.25).

Temos em vista que o currículo e a formação dos professores não são a nossa única preocupação para o desenvolvimento integral dos alunos, a democratização mesmo que muitos acreditem que ela exista, é uma



realidade que ainda não vemos, a condição social de alunos de classe baixa, muitas vezes não permitem que os mesmos vejam sentido na escola, por mais que as intenções de uma instituição e de seus funcionários sejam buscar o melhor, o cotidiano de cada aluno deve ser considerado.

A realidade da maioria das crianças do nosso país, são muito precárias, e talvez buscar o que essas encontram nas ruas lhe deem mais liberdade de pensar no que os conteúdos que encontram nas escolas.

A necessidade de trabalhar, ou não ter condições para um material didático melhor ou tecnológico não chamam suas atenções, e muitas vezes a teoria dos conteúdos e disciplinas escolares se tornam maçantes para que esses alunos tenham interesse em buscar a aprender o estimular a pensar.

Temos que proporcionar então uma prática pedagógica não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, portanto a valorização da experiência cotidiana como forma de transformação na medida em que se torna capaz de responder às necessidades, nas próprias especificidades culturais, resultado da vida do povo.

Assim, a educação é compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade andam juntas, sendo parte do mesmo processo.

Lembrando também que o pedagogo deve ter um olhar terno aos seus alunos, sabendo compreender a necessidade de cada um, analisando com instigar a cada ser para que o ato de ensinar o aluno a pensar se efetive de forma a estimular um pensamento e olhar crítico de cada um de seus alunos, pois quem quer ensinar a pensar deve também ensinar a pensar.

nenhuma didática ensinará a um pedagogo como ensinar a pensar se esse pedagogo é uma pessoa indiferente, semelhante a uma máquina, acostumada a trabalhar de acordo com o estereótipo, a seguir um algoritmo rigidamente programado em sua cabeça. Cada pedagogo deve ser capaz de aplicar princípios teóricos gerais e, em particular, princípios filosóficos gerais ao seu próprio assunto concreto. Não devia esperar que outra pessoa fizesse isso por ele e lhe trouxesse uma coleção de prescrições estabelecidas que o aliviassem da carga do trabalho intelectual, da necessidade, acima de tudo, de constituir seu próprio pensamento. Mesmo a melhor e mais elaborada didática não libertará o pedagogo dessa necessidade. Por mais concreto e detalhado que possa ser, entre suas proposições gerais e situações pedagógicas únicas, haverá uma lacuna. E somente o pedagogo que pensa dialeticamente, somente a pessoa com um "poder de julgamento" desenvolvido será capaz de superar essa lacuna (entre o "universal" e o "singular").

Em face dessas considerações, compreendemos que o maior desafio posto na ordem do dia é o pensar. Apela-se e preza-se por ele, ao menos nos discursos, nos objetivos educacionais, nas bases legais (política, planos, avaliações, testes), porém o que se percebe, pelas avaliações nacionais e internacionais, é que este conhecimento está distante do cotidiano escolar. O grande desafio que se apresenta aos educadores, por conseguinte, é torná-lo uma realidade constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Campinas, vol. 28, n. 101, disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

LLIENKOV, Evald. **Nossas escolas devem ensinar a pensar!** Journal of Russian and East European Psychology, vol. 45, no. 4, July–August 2007, pp. 9–49.